

A revista “As Variedades ou Ensaios de Literatura” e os primeiros indícios de jornalismo especializado

La revista “As Variedades ou Ensaios de Literatura” y los primeros indicios de periodismo especializado

Tatiana Maria DOURADO¹

Resumo: O artigo se propõe a retornar à primeira concepção brasileira considerada revista na história da imprensa, “As Variedades ou Ensaios de Literatura”, que completou dois séculos neste ano, e avaliar os indícios de um jornalismo especializado formulado indiretamente naquela estreante versão. Em sua breve história, a revista “As Variedades” revelou-se um contraponto informativo às notícias cotidianas sobre política, mais comuns àquela época colonial, e passou a veicular conteúdo sobre questões associadas à moral, além de temas com foco no conhecimento filosófico. Através da versão fac-símile da revista, lançada no mês fevereiro, o estudo busca associar as noções teóricas sobre tematização no jornalismo para traçar o retrato da especialização da publicação.

Palavras-chave: história da mídia; jornalismo de revista; especialização.

Resumen: El artículo tiene la intención de volver al primer muestra de la revista brasileña en la historia de la prensa, “As Variedades ou Ensaios de Literatura”, que este año cumpla dos siglos, y evaluar la evidencia de un periodismo especializado indirectamente realizado en esa primera versión. En su breve historia, la revista “Las Variedades” ha demostrado ser un contrapunto informati-

¹ Jornalista. Aluna de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea (Póscom) da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Especialista em Jornalismo e Convergência Midiática. E-mail: tatianamaria.dourado@gmail.com

vo a las noticias del día en la política, más comunes en los tiempos coloniales, y pasó a servir el contenido en temas relacionados con la moralidad, y temas con un enfoque en el conocimiento filosófico. En la versión facsímil de la revista, lanzada en el mes de febrero, el estudio trata de vincular las nociones teóricas acerca de la tematización en el periodismo para dibujar el retrato de la especialización en la publicación.

Palavras chave: historia de los medios de comunicación, revista de periodismo, especialización.

Introdução

Em comemoração aos exatos 200 anos de imprensa a sua primeira edição, em janeiro de 2012 foi lançada a versão fac-símil de “As Variedades ou Ensaios de Literatura”, pela Fundação Pedro Calmon², em parceria com a Associação Bahiana de Imprensa (ABI) e o Núcleo de Estudos da História dos Impressos da Bahia (Nehib). A possibilidade de retomar a história através da versão fac-símil foi fruto do esforço de conservação de colecionadores e, pronta, serve como um documento de acesso aos primórdios da história das revistas brasileiras.

O percurso de “As Variedades”, como é costumeiro abreviá-la e se fará no presente artigo, foi descrito com profundidade em alguns poucos trabalhos acadêmicos³ que se debruçaram sobre a história do jornalismo de revista. No entanto, o periódico não consta em algumas listas consideradas importantes na historiografia da imprensa, como o “Catálogo da coleção espécimes de jornais e demais periódicos brasileiros” e da “Biblioteca Brasileira”, como cita o jornalista Luis Guilherme Pontes Tavares (2011). Para ele, colabora para a não menção à revista a raridade da publicação: “(...) o volume de ‘As Variedades’ que pertence à Fundação Clemente Mariani seja, senão o último, um dos últimos que ainda resta” (TAVARES, 2011, pág. 50). No sentido de entender a evolução do produto, acredita-se ser valioso pesquisar os indícios jornalísticos nessa edição fac-símil, de modo a contribuir para a pesquisa acadêmica voltada ao jornalismo de revista.

Neste trabalho, a proposta é observar as pistas de um jornalismo especializado, característica elementar das revistas jornalísticas. É importante ressaltar que o esforço da pesquisa é apreender, através dos textos presentes na publicação estudada, apenas os indicativos de especialização, ainda anacrônicos, inconscientes. Con-

² Órgão vinculado à Secretaria de Cultura da Bahia (Secult), do Governo da Bahia.

³ MIRA (1997), COSTA (2007), SODRÉ (1999).

tudo, a análise, que estima associar tais indícios com a especialização, contribui para compreender a distinção informativa das revistas como canal informativo desde a época do Brasil colônia, quando surgiu a publicação, datada de 1812.

Em estudos posteriores, aponta-se necessário, no terreno da história da mídia, analisar, ainda, os procedimentos adotados na rotina de produção de conteúdo, assim como a escolha dos assuntos das publicações noticiosas, com vistas a entender o papel do jornalismo na realidade social. Os pesquisadores indicam que, em “As Variedades”, todos os textos foram escritos por um português extraditado, chamado Diogo Soares da Silva de Bivar, na época em que ele cumpria pena de reclusão no Forte de São Pedro, em Salvador (TAVARES, 2011, pág. 55), como será pontuado no artigo.

Surgimento da revista e a sua distinção informativa na sociedade

Para além do debate sobre os projetos do país, da atuação dos representantes ou deputados de províncias e críticas à Carta Magna, temas previstos naqueles periódicos, principalmente nos jornais e pasquins (COSTA, 2007, pág. 55), a primeira revista nacional, “As Variedades ou Ensaios de Literatura”, apegou-se a questões tangenciais à política, mais que ajudavam a cristalizar a moral, os bons costumes e saciava a curiosidade sobre os pensadores ou a moda europeia entre a elite social da época.

Lançada em fevereiro⁴ de 1812 em Salvador, Bahia, na tipografia de Manoel Antonio da Silva Serva⁵, ‘As Variedades’ trouxe à tona uma nova caracterização de publicação, delimitando temáticas (especialização) e público específico (segmentação), mesmo que indiretamente, logo no editorial de estreia.

Discursos sobre os costumes e virtudes moraes, e sociaes, algumas novelas de escolhidos gostos, e moral; extractos de historia antiga, e moderna, nacional, ou estrangena, resumo de viagens; pedaços de Authores classicos Portuguezes quer em prosa, quer em verso – cuja leitura tenda a formar gosto, e pureza na lin-

4 A impressão da publicação ocorreu em janeiro de 1812, porém circulou ao público no mês de fevereiro, com data referenciada do mês anterior, confusão que causa estranheza entre pesquisadores.

5 Comerciante português que, com aval do Conde dos Arcos, fundou a primeira editora particular do Brasil, em 13 de maio de 1811. Também criador do primeiro jornal da Bahia, o “Idade D’Ouro”, chamado de também de Gazeta da Bahia.

guagem; algumas anedotas, e boas respostas. &c taes são os materiaes de que tencionamos servir-nos para a coordinação desta obra, que algumas vezes offercerá artigos que tenham relação com os estudos scientificos propriamente ditos, e que possam habilitar os leitores a fazer-lhes sentir a importancia das novas descobertas filosoficas. (AS VARIEDADES, 2012)⁶.

O trecho acima é parte do primeiro editorial da revista e não se apresentou acompanhada de assinatura⁷, assim como todos os textos da edição. A lista de interesses temáticos que se sequencia logo no primeiro parágrafo da seção evidencia a mescla de gêneros linguísticos – novela, resumo de viagem, extrato de história antiga, anedota, prosa e artigo científico – com vistas a ampliar o conhecimento do público-leitor à realidade cultural vivida especialmente nas cidades da Europa.

Em uma nota sobre a então futura revista, descoberta por pesquisadores em uma coleção encadernada do jornal “Idade d’Ouro do Brazil”⁸, datada de 1811-1812 e intitulada “Prospecto de uma obra periódica que vai a publicar-se, denominada: As Variedades, ou Ensaios de Literatura”, constatam-se indícios da delimitação contextual, temática, na qual seria adotada logo mais, assim que lançada. Castro (2011, pág. 18) foi um dos que tiveram acesso ao material, cujos trechos dizem:

Os jornais literários têm sido olhados em todo o tempo como os meios mais eficazes e próprios de derramar o conhecimento humano. (...) As Artes e as Ciências que diariamente dão passos, coadjuvam-se mutuamente pelas relações que os jornais fazem nascer; e as

6 A numeração das páginas da versão fac-símile obedece ao regimento colonial de uso de letras e números. Transcrição com o português na época.

7 A revista foi idealizada pelo famoso tipógrafo Manoel Antônio da Silva Serva. Os artigos não eram assinados e atribuí-se a redação dos textos à figura do português Diogo Soares da Silva e Bivar, formado em Direito pela Universidade de Coimbra: “Ocorre que sua tarefa era executada por trás das grades. Ele permaneceu preso no Forte de São Pedro até 1821, condenado que fora, por Portugal, ao degredo sob acusação de traição. Por trás das grades, Bivar não apenas auxiliava Silva Serva, como pode (sic) casar-se e constituir família” (CASTRO et al, 2011, pág. 54).

8 Pertencente à coleção do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). O Idade d’Ouro foi a primeira gazeta impressa da Bahia e do Brasil, iniciativa ocorrida também na tipografia de Silva Serva. A publicação circulou de maio de 1811 a junho de 1823.

descobertas se facilitam: os costumes se castigam e se aperfeiçoam; as maneiras recebem polimento, e a pureza e elegância da linguagem cobra energia e se vulgariza. (...) Debaixo deste ponto de vista pois é que se tem formado o plano de uma obra periódica que começará no mês de janeiro de 1812, e que se há de denominar (IDADE D'OURO apud CASTRO, 2011, pág. 18-19).

Outro comunicado, com intuito semelhante de divulgação, foi encontrado no mesmo jornal, o Idade d'Ouro, então com o título mais definido – “As Variedades, o Ensaio Periódico de Literatura”. Nesse texto, o redator divulga a temática editorial que será abordada nas edições da revista, dando ênfase à “moral” social.

O Redator deseja limitar-se por ora, e especialmente às Ciências morais, não só porque elas são os mais sólidos alicerces sobre que descansa o majestoso edifício da felicidade Nacional, mas também porque sendo o seu estudo mais do alcance de todos, tende diretamente cimentar o amor à leitura, a cujos atrativos, diz um judicioso escritor, parece que foi assinada a posição que medeia entre os prazeres sensuais e os intelectuais (IDADE D'OURO apud CASTRO, 2011, pág. 19).

O historiador Hélio Vianna (2011) avalia que a postura da revista mantém diálogo com os “princípios franceses”, em contraposição ao tradicionalismo católico de Portugal, no sentido em que prioriza o acesso aos novos conhecimentos. Vianna se atenta à ausência de “quaisquer alusões a princípios religiosos, não se prendendo diretamente à moral cristã os preceitos sobre os costumes e as virtudes que preconiza” (VIANNA, 2011, pág. 37).

De modo a enfatizar a constatação, Vianna aponta que a conduta pode ser evidenciada através dos conteúdos filosóficos recorrentes na publicação, como o “Quadro demonstrativo ou cronológico da filosofia antiga” que, segundo explica o historiador, “(...) mostra ter sido, talvez, voluntária a omissão de qualquer referência favorável à escolástica, nessa obras mais de disfarçada di-

vulgação de ideias, então, reputadas ‘perigosas’, que de simples questões literárias” (VIANNA, 2011, pág. 37).

A terminologia adotada nesse início de século 19 tinha sentido distinto da convencional - os periódicos nomeados ‘jornais’ davam conta das publicações literárias; já as gazetas, das noticiosas. Com o passar do tempo, a ideia foi novamente alterada e “(...) o que outrora era gazeta passou-se a ser jornal e o que era jornal passou a ser revista. Daí porque revista é o termo que, há algum tempo, define-se melhor o que foi ‘As Variedades ou Ensaio de Literatura’” (CASTRO, 2012, pág. 54). Costa (2007, pág. 55) complementa que os termos “revista” e “jornais”, tais como utilizadas hoje, começa a ser adotada pelos impressos no “último quartil do século XIX”, cenário já marcado pelo telégrafo, telefone, fotografia e prensa, que profissionalizaram o campo das publicações.

Com a rapidez da chegada das notícias, cabe ao jornal e à imprensa diária dedicar-se ao que se convencionou chamar de *hard news* (grifo do autor): a tragédia, a catástrofe, o fato ocorrido na véspera. E às revistas, sobretudo as ilustradas, estariam reservadas informações em profundidade, a análise, a crítica, o entretenimento (COSTA, 2007, pág. 55).

Em sua primeira publicação, a revista circulou com 30 páginas, ao custo de 560 réis, com artigos intitulados: “Sobre a felicidade doméstica”, “Da navegação entre os antigos”, “Instrução Militar”, “Brioso Desafio”, “Anecdotas e Bons Dictos”. O segundo e último volume, de caráter duplo, foi publicado em março de 1812, com os textos “Quadro demonstrativo da philosophia antiga” e, dentre outros, “Observações sobre a política”, no valor de um mil e 120 réis por 67 páginas (CASTRO, 2011, pág. 9-10). “Era um maço mal encadernado de papel, mais com cara de livro, que deixava exposta a aridez visual dos blocos compactos de texto. Durou apenas um segundo número, mas serviu para cravar o marco inaugural das revistas brasileiras” (VEJA, 2000, *online*).

A comercialização dos exemplares era realizado mediante prévia assinatura, modelo que, à época, se mos-

9 Os artigos não eram assinados e atribui-se a redação dos textos à figura do português Diogo Soares da Silva e Bivar, formado em Direito pela Universidade de Coimbra: “Ocorre que sua tarefa era executada por trás das grades. Ele permaneceu preso no Forte de São Pedro até 1821, condenado que fora, por Portugal, ao degredo sob acusação de traição. Por trás das grades, Bivar não apenas auxiliava Silva Serva, como pode (sic) casar-se e constituir família” (CASTRO et al, 2011, pág. 54).

trava fracassado devido ao alto índice de inadimplência frente ao custo elevado da impressão. Castro (2011, pág. 52) afirma que não foram raros os leitores se depararem com apelos do tipógrafo Silva Serva para efetuarem o pagamento. “(...) Apesar disso, ele teve a audácia de, em jan¹⁰eiro de 1812, lançar a revista “As Variedades ou Ensaios de Literatura”, destinada ao mesmo pequeno público constituído de autoridades, comerciantes e donos de engenho” (CASTRO, 2011, p. 52).

Questões sobre a especialização na revista “As Variedades”

Segundo o quadro evolutivo traçado por Ciro Marcondes Filho, a revista “As Variedades” pode ser inserida na época do “primeiro jornalismo”, caracterizada pelo “conteúdo literário e político, com texto crítico, economia deficitária e comandado por escritores, políticos e intelectuais” produzido entre 1789 a 1830 (apud PENA, 2006, p.5). O autor aponta que a necessidade de distinção entre literatura e “realidade” motivou estudos acerca das tipologias textuais, iniciada já na Grécia antiga com o pensador Platão.

Os estudos dos gêneros, como a prática é denominada, chegou ao campo do jornalismo no século 18. “No jornalismo, a primeira tentativa de classificação foi feita pelo editor inglês Samuel Buckeley no começo do século XVIII, quando resolveu separar o conteúdo do jornal Daily Courant em *news* (notícias) e *comments* (comentários)”, mas causa divergência até hoje (PENA, 2006, p. 10-11).

Naquele momento que precedeu a era massiva da imprensa, a consciência sobre qual gênero usar não era expressiva. Mesmo assim, em “As Variedades”, percebe-se que o editor já apresentava ao leitor quais seriam as categorias textuais daquela publicação, apontando novelas, anedotas, textos científicos, entre outros¹¹. Na estrutura do título – “As Variedades ou Ensaios de Literatura” – há uma segunda possibilidade de nomeação do produto no trecho “ou Ensaios de Literatura”, que direciona com mais ênfase ao tipo de conteúdo que poderá ser encontrado pelo público-alvo do que no sentido de alçar um nome próprio à publicação. Naquele início de século 19, a literatura exercia papel fundamental para

a sociedade se comunicar e se informar sobre ideias ou costumes nacionais ou estrangeiros. Tzevtan Todorov (2006) afirma que os códigos sociais da obra não “compe” a um estudo literário, embora admita a presença.

Todo elemento presente numa obra traz uma significação que pode ser interpretada segundo o código literário. (...) é preciso igualmente levar em conta as diferentes funções da mensagem, pois a “organização” pode manifestar-se em vários planos diferentes. Essa observação permite distinguir nitidamente literatura de folclore; o folclore admite uma independência muito maior dos elementos (TODOROV, 2006, p. 32).

Muito do estudado na contemporaneidade sobre tematização no jornalismo, com foco em revistas, assunto que interessa a este tópico, deve-se à iniciativa do pesquisador Frederico de Mello Brandão Tavares¹². Entre as questões centrais, preocupa-se em orientar um conceito de jornalismo paralelo às notícias geradas pelas *hard news* dos jornais, ou factuais, costume convencionalizado pelas publicações de periodicidade mais alargada, principalmente as revistas informativas.

Na concepção do pesquisador, as reportagens abordadas nessas revistas obedecem aos princípios básicos do jornalismo, como a elaboração da pauta, a apuração dos dados e entrevistas com as fontes, entre outros, e também envolvem atribuições específicas: “o tratamento de uma identidade, o julgamento de valores, a prestação de serviços (...); enfim, nos termos de Mouilaud (2002), um novo posicionamento em relação à forma e ao estilo, e também à própria realidade social” (TAVARES, 2007, pág. 10). O autor também cita, no rol das características, “as novas preocupações estéticas e visuais” das publicações especializadas, como foco nas revistas, porém, pela iniciação tipográfica da época de “As Variedades”, a questão não é preponderante neste trabalho.

Os apontamentos elencadas podem ser diretamente relacionados com os inseridos no conteúdo da publicação de 1812. O periódico, como todos do começo do século 19, não continha fotos ou ilustrações, porém, por ter sido o primeiro, ousou na construção de nova identidade comunicativa e explicitou os valores que conduziram o conteúdo para o público-leitor. É a partir do

10 No livro “Comunicação e Jornalismo: a saga dos cães perdidos” (2002).

11 No contexto contemporâneo, Marques de Mello defende a existência de dois gêneros no jornalismo, o opinativo e o informativo, com base em pesquisas desenvolvidas entre os séculos 19 e 20. Em paralelo, afirma que as mesmas pesquisas demonstram ausência dos gêneros interpretativo e diversional nos jornais em todo o país (MELLO, 2003, p. 153).

12 Professor doutor de Comunicação na Universidade Tuiuti do Paraná.

periódico que a população começou a ter acesso a texto informativo de cunho literário, o que demonstra a vanguarda de renovar a “forma e o estilo” da comunicação naquele momento histórico. “(...) a revista ‘As Variedades’ foi, pois, a primeira publicação periódica de caráter literário aparecida no Brasil, porquanto precedeu quase um ano a ‘O Patriota’, jornal literário, político e mercantil do Rio de Janeiro” (CARVALHO apud VIANA, 2011, pág. 26).

Como se observa, a especialização de “As Variedades” não é direcionada a uma temática e sim atribuída à ideologia que rege todos os conteúdos da edição. O tema, por si, já supõe pautas que se distinguem dos acontecimentos jornalísticos, esses atrelados às ocorrências extraordinárias que se sobressaem no cotidiano. Schwaab (2009) afirma que o conceito pode ser relacionado com a iniciativa de análise e reflexão a que se trabalha uma pauta, por exemplo. “(...) no jornalismo de revista, o tema pode ser visto como um elemento que opera sentidos, ou seja, que atua sobre o seu fazer e sobre sua materialidade” (SCHWAAB et al, 2009, pág. 182).

(...) o tema enquanto pauta dominante nas revistas está sustentado por uma abordagem (inclusive justificando a sua relevância) e origina reconhecimento, como uma espécie de guia para o leitor, de um fio que liga o singular no universal. Algo familiar e que, como produto da temática maior que o originou, parece apreender a plenitude de uma época. Nessa perspectiva, atuando dentro de estruturas conhecidas, o jornalismo de revista escolhe, reitera e gera sentidos que se encaixem como utilizáveis no real (SCHWAAB et al, 2009, pág. 187).

O esqueleto editorial observado na edição fac-símile confirma o ideário construído pelos idealizadores. Vianna (2011, pág. 39) reflete que até o texto voltado aparentemente para a política, deduzido pelo título “Observações sobre política”, desvia-se do teor literal da palavra, da “arte de governar os povos”, e se destina a falar sobre o comportamento que o homem deve exercer, aproximando-o das questões morais da família e da sociedade. Em um dos trechos, diz: “Não se pode chegar a um grau elevado de política, que constitui propriamente o que se entende por polidez, senão por um grande uso do mundo, e pela frequência da melhor companhia, e gentes” (AS VARIEDADES, 2011, fac-símile).

Para Viana (2011, pág. 28), contudo, “o mais sério trabalho contido em toda a revista” é o artigo intitulado “Quadro demonstrativo ou Cronologia da Filosofia antiga”, pelo tamanho e apanhado que constrói sobre a história da filosofia grega. Para conhecimento do público desacostumado, o redator explica a proposta do texto logo na introdução: “Nossa intenção se limita em expor em forma de taboa, os diferentes bandos ou escolas em que se dividirão, e subdividirão os grandes homens, que a Grécia viu nascer, e que pelas suas opiniões vieram a marcar outras tantas épocas na história antiga” (AS VARIEDADES, 2011, versão fac-símile).

A diversidade temática, dentro da proposta alternativa e literária da edição, indicada no nome da revista, completa-se com conteúdos como “Felicidade Doméstica”, que, na visão de Viana, remete certo grau de comprometimento do autor - ele “estaria casado à época de sua elaboração. O amor conjugal, o paterno, a amizade, o bom trato aos subalternos são os temas nele abordados, à luz dos mais aceitáveis princípios morais” (2011, pág. 38). O texto começa com a ideia de que o conjunto de famílias, na sociedade, forma a ideia de Nação, e que a “depravação” ou “corrupção” social, por si só, não desconstrói a virtuosidade daquela unidade. Continua descrevendo, logo depois, a questão do casamento e do apoio que o homem deve dar à mulher (AS VARIEDADES, 2011, fac-símile). O redator chega a questionar:

Há sobre a terra fortuna mais pura do que aquela que resulta do comércio habitual dos esposos bem casados, que leem reciprocamente nos seus olhos, a serenidade da ternura, a amizade, o ar certo de confiança, as doces solitudes da atenção, e o desejo de agradar? (AS VARIEDADES, 2011, fac-símile).

A questão surpreende Vianna (2011), que passa a acreditar que o redator está apaixonado ou recém-casado, pela lógica inversa com a progressista (com a isenção religiosa) a que se direciona a revista. A manutenção da moral é explícita também em conteúdos nomeados “Da Bondade”. Têm-se ainda “Costumes, e Uso do México (Extracto da Viagem de Mr. Thierry)”, que retrata a cultura do país referido, o modo de guerrear dos mexicanos, informações sobre a língua espanhola e, dentre outros quesitos, dados sobre o calendário do local.

Mais para frente, no fim da revista, há o complemento do texto, chamado de “Continuação dos Costumes, e Uso do México (Extrato da Viagem de Mr. Thier-

ry)”, quando fala sobre a personalidade da população – “as mulheres tem um ar humilde, e civil que não se concilia com o orgulho dos habitantes daquela província” (As Variedades, fac-símile) -, entre outras abordagens.

Diante da análise descritiva dos textos, Viana (2011, pág. 40) conclui que a primeira revista literária brasileira, “tão característica de sua época e das tendências que iam transformando o meio em que apareceu, realizada pela vontade progressista do último degredado que aportou o Brasil”.

Tendo em vista tais conteúdos, é possível associá-los à flexibilidade que possui a revista sobre o quê ou como agendar os assuntos na sociedade, para aquele público despreziosamente segmentado, com base na relevância pública. (SCHWAAB et al, 2009, pág. 186). Quando se têm um público extenso, de segmentação fluida, como ocorria em “As Variedades”, compreende-se que um “grande tema” conforme a identidade da publicação. “Elege-se um assunto amplo que consiga reunir vários outros (espécie de subtemas) e, a partir dele, um perfil editorial é construído” (SCHWAAB et al, 2009, pág. 189).

Considerações finais

O jornalismo, assim como outros campos, depende de um processo histórico evolutivo para se definir como atividade institucionalizada. E é nos primórdios desse processo que se insere o exemplo de “As Variedades ou Ensaios de Literatura”, dentro do universo do jornalismo, no meio de informação conhecido por “revista”. Percebe-se, ao longo das argumentações, que a relação entre especialização e o jornalismo ali inserido, ainda sem as noções conquistadas na modernidade, é fruto de um esforço de associação. Plausível, no entanto, visto pelas características elencadas pelos teóricos em termos de especialização.

A ausência de factualidade no conteúdo das edições é um dos indícios que distingue o produto daqueles tradicionalmente vinculados à atualidade dos acontecimentos. Fatalidades como morte e acidente, ocorrência esdrúxula, acompanhamento político, novidades da sociedade, tudo isso, que afeta o cotidiano social, como pôde ser visto, não é contemplado na publicação. No contexto brasileiro, a revista é marco de início de prática nova e alternativa à padrão de ofertar informação para a sociedade.

Conforme o comunicado apresentado antes do lançamento da primeira edição no Idade d’Ouro do

Brazil, “As Variedades” propõe expor um conhecimento complementar ao noticiado diariamente pelas então gazetas, como na época eram nomeadas os jornais que nós conhecemos hoje – as revistas, no sentido moderno, eram então conhecidas como “jornais”. Diante disso, dedica páginas a assuntos filosóficos, às descobertas estrangeiras, aos costumes sociais, às noções morais de felicidade, além de anedotas e trechos de novela, como exposto no decorrer do artigo.

O comportamento editorial pode ser considerado precursor, já que ainda é seguido pelas publicações especializadas na contemporaneidade. Tavares (2007), em análise da característica especialização nas publicações impressas a exemplo das revistas femininas ou outras temáticas, aborda o que chama de “estatuto da notícia”, tratando-o como “diferentes” do habitualmente usado na produção noticiosa diária. “Consequentemente, são estabelecidas nestes espaços midiáticos novas (ou específicas) maneiras de se relacionar com o social e com aquilo que o envolve” (TAVARES, 2007, pág. 46).

Referências bibliográficas:

AS VARIÉDADES. Salvador: Fundação Pedro Calmon, ed. fac-símile, 2011.

CASTRO, Roberto Bebert. **Introdução:** A Revista “As Variedades”. In: *Sobre As Variedades*, ensaios. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2011.

COSTA, Carlos Roberto. *A Revista no Brasil, o Século XIX*. São Paulo, USP, tese de doutorado em Ciências da Comunicação, 2007.

MELLO, Marques de. *Jornalismo Brasileiro*. Porto Alegre: Sulinas, 2003.

MIRA, M. C. *O leitor e a banca de revistas*. São Paulo: Olho d’Água, 2001.

SCHWAAB, Reges Toni; TAVARES, Frederico de Mello Brandão. *O tema como operador de sentidos no jornalismo de revista*. Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, p.180-193, dez. 2009.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa do Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TAVARES, F. M. B. *Percursos entre o Jornalismo e o Jornalismo Especializado*. In: VIII Congresso de Ciências da Comu-

nicação na Região Sul, 2007, Passo Fundo, RS. Anais do VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Passo Fundo : Universidade de Passo Fundo, 2007.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 4ed. São Paulo: Perspectiva, 2006

VEJA. *Esclarecer, informar e divertir*. São Paulo: Abril, nov. de 2000. Edição *online*.

VIANA, Hélio. *A primeira revista brasileira (1812)*. In: *Sobre As Variedades*, ensaios. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2011.

Recebido: 20/06/2012

Aprovado: 10/08/2012